SOBRE "AQUELES QUE ESCAPAM"... OU EVIDÊNCIAS DA HABILIDADE CORPORAL COMO FATOR DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Liane Aparecida Roveran Uchoga

Helena Altmann

RESUMO

Este trabalho traz reflexões sobre o lugar que as habilidades corporais têm no processo de participação meninos e meninas na educação física escolar. Os dados são parte de uma pesquisa de Mestrado e foram obtidos através de observação etnográfica e entrevistas com os discentes em duas escolas estaduais do interior de São Paulo no período de cinco meses de 2010. Neste estudo "aqueles que escapam" foram destacados pelos meninos que não queriam jogar futebol nas aulas e pelas meninas que apresentavam habilidades corporais nas atividades da educação física. Para eles o que estava em jogo era não só a exposição da própria habilidade, mas também sua sexualidade. Já para elas, a habilidade corporal permitiu que transitassem entre as práticas consideradas masculinas.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de gênero; Educação física escolar; Empoderamento.

INTRODUÇÃO

Butler (2003) considera que os discursos binários de masculino e feminino não dão conta dos sujeitos reais, pois estes não estão apenas alocados nesses dois pólos. Há um "contínuo" entre esses dois extremos, nos quais os sujeitos podem, de acordo com a autora, deslocar-se e alocar-se, repudiando os discursos e normas que regulam sua cultura.

Também Louro (2004), com escritas que partem das teorizações de Butler sobre gênero e identidade, ao analisar questões identitárias no campo da educação apresenta-nos as confirmações de gênero a partir da metáfora da viagem. Segundo a autora, a declaração "é um menino" ou "é uma menina" é muito mais do que uma descrição, mas sim uma direção, um rumo dado a um corpo num processo de viagem. No entanto, a autora conclui que o rumo dessa viagem pode ser desobedecido e ganhar novos "destinos" a partir das relações que são estabelecidas no decorrer dela:

> Mesmo que existam regras, que tracem planos e sejam criadas estratégias e técnicas, haverá aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os

ISSN 2175-5930

> arranjos. A imprevisibilidade é inerente ao percurso. Tal como numa viagem, pode ser instigante sair da rota fixada e experimentar as surpresas do incerto e do inesperado [...]. Esses se tornarão, então, os alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punição. Para eles e para elas a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões. (LOURO, 2004, p.16)

É a partir dessa metáfora que apresentamos aqui aqueles e aquelas que não seguiam as normas de comportamento apresentadas pela maioria dos discentes nas aulas de Educação Física observadas nesta pesquisa. É justamente a partir da observação "daqueles que escapam" que refletimos sobre o lugar que as habilidades físicas e motoras têm no processo de participação dos discentes nas atividades da educação física e o seu lugar (ou não lugar) nas aulas.

Neste texto demonstramos como os efeitos em termos de participação nas aulas e empodeiramento perante os demais eram distintos para meninos e meninas que fugiam a norma de que "meninos são mais habilidosos", sobretudo nos esportes, e "meninas são menos habilidosas" quando comparadas aos meninos.

Assim, este trabalho traz reflexões sobre como a habilidade motora pode ser um fator de autoexclusão em alguns conteúdos de aula, sobretudo quando para a aprendizagem deles divimos os estudantes utilizando o gênero como critério. Quando precisamos dividir um determinado grupo, algum critério para essa divisão precisa ser estabelecido, porém, no contexto desta pesquisa, a utilização do gênero como critério criou um "não lugar" no espaço de aula para aqueles e aquelas que não seguiam uma lógica dos discursos que atribui mais habilidades físicas ao masculino.

As reflexões aqui apresentadas são parte de uma pesquisa de Mestrado, cujo objetivo foi compreender as relações de gênero estabelecidas em diferentes conteúdos da educação física escolar. Os dados foram obtidos através da observação etnográfica de aulas de Educação Física e entrevista com os discentes em duas diferentes escolas estaduais (Sônia e Hortência) [1]do interior do estado de São Paulo/Brasil durante o período de cinco meses do ano de 2010.

SOBRE MASCULINIDADE, HABILIDADE E FUTEBOL

1 Os nomes das escolas, bem como os demais que aparecem ao longo do texto são fictícios.

ISSN 2175-5930

Os episódios a seguir nos permite refletir sobre o papel que o futebol tem para a constituição da masculinidade nas aulas de educação física escolar.

Na 5ª série da escola Hortência, na qual um tipo de masculinidade hegemônica foi observado entre os discentes, a qual incluía jogar bem futebol e ser "bom de briga", Wesley, um garoto do 6º ano, entre tantos outros que poderiam existir naquela escola, não partilhava de atitudes de ofensas verbais, não se envolvia em brigas, conversava a maioria das vezes com as meninas, mas também pouco participava das aulas de educação física.

Sempre que o professor iniciava uma atividade, Wesley ficava de fora apenas observando, como faziam algumas meninas. Algumas vezes, ele decidia entrar e participar, mas outras não.

Com o passar do tempo comecei a perceber que ele sempre participava quando a atividade era mista ou de livre escolha[2], momentos estes em que ele tinha a possibilidade de agrupar-se com as meninas. Assim, quando o professor dividia meninos e meninas para a aprendizagem de algum movimento ou para execução de um jogo (como aconteceu no conteúdo futsal) Wesley logo se afastava da atividade. Essa situação não quer dizer que o garoto de fato não queria participar de atividades com os outros meninos, mas que ele, ao "fugir" do que se esperava de um menino naquele espaço (brigar, não ter medo e ser habilidoso), não era aceito no grupo. Para aprofundar essa afirmação retomo aqui outros episódios das aulas de futsal.

Em uma das aulas, o professor organizou equipes para jogarem entre si, primeiro separou meninos e meninas (meia quadra para cada um) e, em seguida, dividiu os times. Apesar de Wesley ter ficado dentro do espaço da quadra para o professor escolhê-lo, o que sinalizava que ele queria jogar, no momento do jogo sua presença passou despercebida entre o grupo de meninos:

> No jogo dos meninos, Wesley ficou em campo, porém não participou de nenhuma das jogadas, sua presença nem mesmo foi percebida pelos outros

[2] Este termo é utilizado por mim para explicar momentos em que os alunos não eram obrigados a realizar uma atividade específica. No campo de pesquisa a palavra utilizada tanto por alunos/as quanto por professores para caracterizar esse momento era "aula-livre". Esses momentos ocorreram apenas na escola Hortência, no final de algumas aulas, quando sobravam 10 ou 15 minutos a pedido dos próprios estudantes ou quando o professor utilizava-o como estratégia para que os alunos/as participassem das aulas, prometendo a última aula do mês como "aula-livre". Vale destacar que era o primeiro ano que o professor lecionava nessa escola. Já na escola Sônia, tal estratégia não se fez necessária, uma vez que ambas as professoras já lecionavam lá há três anos, com um programa fixo de conteúdos.

ISSN 2175-5930

> colegas que não passavam a bola. Ele, por sua vez, também não arriscou entrar nas "divididas" e "duras" disputas de bola. Depois de um tempo, ele sai da metade da quadra pertencente ao jogo dos meninos e vai para o lado das meninas, não há reclamações por parte delas, mas ao vê-lo o professor pede que vá jogar com os meninos. Ele sai e não volta mais ao jogo. (DC: 09/06/2010)

Percebe-se que a separação das equipes feita pelo professor Gustavo utilizando o critério de gênero impossibilitou que Wesley pudesse jogar com as meninas, uma vez que o lugar dele deveria – de acordo com a regra de distribuição do professor – ser com os meninos.

Dessa maneira, ao pensar a distribuição de maneira binária e polarizada, o professor impossibilitou outros arranjos de equipes que contemplassem não só Wesley, mas também as meninas que, por ventura, quisessem jogar com os meninos.

O ponto evidenciado a partir do "não lugar" de Wesley nessa situação de aula é que as distribuições binárias de equipes nas aulas de educação física parecem não dar conta da multiplicidade dos discentes, uma vez que esse tipo de distribuição atribuiu uma relação direta entre sexo, gênero e habilidade que, como podemos ver pelo recorte da cena, não é verdade.

Sobre esse aspecto, concordamos com as considerações Altmann; Ayoub e Franco (2011) que, ao analisarem as concepções de professores de educação física sobre o envolvimento dos alunos nas aulas, concluem que o trabalho conjunto com meninos e meninas nas aulas podem problematizar concepções estereotipadas presentes entre os docentes a partir da percepção de que nem todos os meninos gostam de esportes e que meninas também sabem jogar, rompendo com o argumento "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar" (ALTMANN; AYOUB; FRANCO; 2011)

Ainda no mesmo dia da aula descrita anteriormente, o professor realizou jogos dos meninos e das meninas, utilizando toda a quadra. Wesley mais uma vez tentou compor um dos times dos meninos, mas, ao permanecer em quadra sem receber a bola, logo desistiu. Nos outros dias em que houve jogo, Wesley não participou da aula.

Porém, em uma das aulas de "livre escolha", Wesley jogou futebol com um grupo de meninas e mais um menino, que juntos, organizaram um jogo em um espaço do pátio. Em entrevista, quando perguntei a ele o que fazia fora da escola, ele respondeu, entre outras atividades, que jogava futebol com o pai.

ISSN 2175-5930

Frente à indagação se gostava de jogar futebol na escola, ele respondeu negativamente e complementou: *"os meninos falam que eu jogo mal".* Ao ser questionado sobre a aula livre na qual ele jogou com algumas meninas, ele responde: "*é, mais aí é diferente, né!, porque eles não estavam lá"* (trechos da entrevista: 20/10/2010).

Nesse caso, a aula livre com outras possibilidades de agrupamento que não aquela centrada no gênero contemplou Wesley e os outros que participaram do jogo de futebol, o que demonstra como uma escolha de separação das equipes centrada unicamente no gênero pode influenciar negativamente na participação de todos na aula.

Também na escola Sônia, Cleber, semelhante a Wesley, conversava mais com as meninas nas aulas. Nessa escola, a turma do 6º ano não foi separada por sexo pela professora Laura durante as aulas, exceto para os jogos de futsal. Nesse dia, Cleber, que sempre mostrou-se bastante participativo, não participou da aula. Em entrevista, quando questionado sobre sua participação nas aulas, ele falou sobre o futebol:

> **(Cleber)** Eu participei de todas as aulas, mas nas duas aulas de futebol eu não participei.
> **(Pesquisadora)** Por quê? Você lembra?
> **(Cleber)** Porque eu sou ruim...
> **(Pesquisadora)** Mas você não gosta, ou se considera ruim?
> **(Cleber)** Gostar, eu gosto, mas eu sou meio ruim.
> **(Pesquisadora)** Mas os outros meninos reclamam?
> **(Cleber)** Não, mas eu não quis mesmo, fiquei com vergonha, se eu errasse alguma coisa, eles poderiam reclamar.
> (trecho entrevista: 25/10/2010)

´Nos recortes de aulas descritos anteriormente, tanto no caso de Wesley quanto no de Cleber, o futebol foi o principal revelador da não identificação deles com o que se espera de um menino.

O esporte é considerado por Dunning e Maguire (1997) como formação e expressão de valores de uma masculinidade dominante. Os autores, ao analisarem o surgimento do fenômeno esportivo na Inglaterra, concluem que o Esporte tornou-se um meio para expressão legítima de valores considerados tipicamente masculinos como a agressão, proezas e força física. Assim, de acordo com os autores, as características valorizadas pelo esporte são

ISSN 2175-5930

aquelas tidas social e culturalmente como atributos masculinos: virilidade, agressão e força física.

Complementando a idéia de Dunning e Maguire, Whitson (1994) ao expor sobre as construções de gênero nas práticas esportivas ao longo da história, tece a seguinte conclusão:

> Jogos de contato corporal, em particular, têm sido naturalizados historicamente como um caminho agressivo de "formar masculinidade", no qual a dominação física é legitimada, através do tempo. Estes esportes de confronto têm se tornado importantes práticas masculinizantes que iniciam os jovens garotos dentro de uma hierarquia de identidades generificadas na qual a capacidade de dominar é honrada e o poder físico confere um poder social. (WHITSON, 1994, p.367, tradução nossa)

O autor descreve que historicamente na Grã-Bretanha, para a promoção da saúde da mulher, eram recomendados exercícios ao "ar livre", principalmente caminhadas, além de exercícios para deixar o corpo bonito e desejável. Enquanto isso, os jovens garotos eram corporalmente educados nos esportes de confronto, sob o argumento de desenvolverem virilidade e força física. Todas essas razões e indicações, segundo o autor, condizem como uma heteronormatividade compulsória, que considera a existência de apenas uma forma de masculinidade e feminilidade.

Já especificamente na nossa cultura, Faria (2008, p.99-100), considera que "se às mulheres foi negada historicamente a participação no futebol, aos homens essa participação foi imposta, ou seja, a identidade masculina no Brasil está, em grande medida, atrelada à intimidade com essa prática cultural.". Desse modo, se em outros contextos os esportes de contato têm grande relação com a produção de um certo tipo de masculinidade, no Brasil é o futebol o grande representante nessa relação entre esporte e masculinidade.

No caso do campo de pesquisa, a falta de uma habilidade futebolística satisfatória de Wesley e Cleber, como de muitos outros, poderia pôr em risco mais do que sua imagem de "não habilidoso" com a bola, mas também sua própria masculinidade. Isso porque, como conclui Damo (2005, p.139), no Brasil *"os meninos jogam futebol para se fazerem meninos"* e a prática do futebol para os meninos "(...) é marcada por um arbitrário cultural que o define como um espaço privilegiado da homossociabilidade masculina de certo modelo de masculinidade" (idem).

ISSN 2175-5930

Embora Cleber, assim como Wesley, afirmasse jogar futebol fora da escola *"na rua, eu, minha prima, mais alguns amigos brincamos de futebol"*, ali no espaço escolar o risco de se expor diante de seus pares, ou de ser excluído por parte deles, devido à exposição de uma possível inabilidade no futebol impediram-nos de vivenciar esse conteúdo na aula de educação física nas situações formais[3].

MENINAS, HABILIDADES CORPORAIS E DISPUTA DE PODER NAS AULAS

Enquanto que para os meninos o futebol nas aulas de educação física foi o conteúdo que promoveu a autoexclusão das aulas, para as meninas que apresentavam habilidades com essa prática situações inversas aconteceram.

Apresentamos o caso de Roberta e Talita, duas garotas da mesma série de Wesley que, ao contrário do padrão heteronormativo de gênero, eram bastante ativas nas lições da educação física e adoravam jogar futebol. Por envolverem-se mais com as aulas práticas, ou talvez devido ao fato de jogarem em outros espaços, Roberta e Talita demonstravam-se bastante habilidosas em quaisquer atividades propostas pelos professores/as.

Em entrevista, ambas relataram que sempre brincavam na rua, de diversas atividades, principalmente de futebol: *"eu ando de patins, pulo corda e jogo muito futebol (:ênfase na fala)l. Todo dia eu jogo com alguns molequinhos bons mesmo! Mas eles são pequenos, têm oito e nove anos, mas um outro amigo meu tem 12 também" (*Trecho da entrevista 20/10/2010). A habilidade delas em aula permitia que participassem das atividades, bem como disputassem espaço juntamente aos meninos habilidosos.

Em um dia de atividade de livre escolha, os meninos logo ocuparam o campo de areia para jogar futebol, Roberta e Talita estavam entre eles. Foram formadas três equipes, sendo que Roberta escolheu uma delas. Porém um dos meninos decidiu que o time de Roberta não começaria jogando, sendo o próximo a jogar com uma das equipes vencedoras do primeiro jogo. Tal decisão não foi tomada mediante a nenhum sorteio (como era de costume), o que fez com que imediatamente Roberta pegasse a bola (não permitindo que o jogo começasse) e fosse até o professor reclamar sobre o ocorrido:

[3]Uso essa expressão para diferenciar dos momentos de livre escolha, já que nestes que ocorreram apenas na escola Hortência, Wesley jogou futebol com um grupo de meninas, como relatado anteriormente.

ISSN 2175-5930

> A discussão se inicia quando um dos meninos decide que o time de Roberta seria o próximo. Inconformada, ela se dirige ao professor que intervém pedindo que tirem por sorteio de "dois ou um". Feito desta maneira, o time de Roberta, por sorteio, é o primeiro a jogar. Enquanto isso, as outras meninas estão no campo de areia ao lado jogando vôlei. (DC: 25/08/2010).

Importante destacar que apesar desses momentos em que Roberta e Talita precisavam recorrer ao professor para obter igualdade na participação, após a intervenção dele não mais aconteceram problemas, elas jogaram várias vezes com os meninos e em nenhum momento presenciei alguma ofensa por parte deles pelo fato de elas jogarem e/ou serem habilidosas no futebol.

Assim também aconteceu com Juliana, na escola Sônia. Adepta do futebol e bastante habilidosa, ela transitava livremente entre os jogos dos meninos e também participava de todas as aulas. No conteúdo de ginástica artística, Juliana foi uma das poucas meninas que se arriscou nos movimentos considerados mais difíceis e, assim como os meninos, ela caiu diversas vezes, sujou a roupa durante as tentativas e não teve êxito em algumas aprendizagens, porém isso não a afastou das aulas, pois ela era sempre bastante participativa.

No final de uma aula de capoeira, quando a professora fez uma roda para que a turma pudesse jogar, Juliana foi a única menina a entrar na roda e jogar com diversos meninos e com a professora. Embora ela soubesse pouquíssimos movimentos, assim como todos da turma, já que só haviam tido duas aulas desse conteúdo, os meninos e ela entraram na roda diversas vezes, diferentemente das meninas que se restringiram apenas a observar e contribuir com palmas durante a roda de capoeira.

Nesses casos, essas meninas tinham mais habilidades corporais devido a diversos fatores, muitos não analisados nesta pesquisa, mas todas declararam brincar na rua de diversas atividades e jogar futebol com outros garotos. Ou seja, elas tiveram a oportunidade de ter vivências corporais diversificadas.

Esse fator foi importante para que elas ganhassem legitimidade e confiança para transitar entre as práticas corporais dentro da escola, além de sentirem-se seguras para as novas aprendizagens do corpo nas aulas de educação física.

Tal como afirma Garret (2004), as meninas que adquirem confiança e habilidades físicas podem transferir esse empoderamento e confiança em seus corpos para relações sociais. Neste caso, a atitude de Roberta, que segurou a bola e impediu que o jogo começasse

ISSN 2175-5930

até que a situação injusta da escolha da ordem de jogo das equipes retrata bem esse empodeiramento social. Roberta só disputou espaço porque possuía habilidades para jogar, legitimando seu lugar dentro dessa prática.

Já no caso dos meninos, ao contrário das meninas, ao subverterem a regra do que se espera de um menino em termos de habilidades físicas e motoras, tiveram menos possibilidades de inserção nas aulas. Tal fato ficou mais evidente nas aulas de futebol, cujo conteúdo carrega símbolos de uma masculinidade hegemônica (DAMO, 2005).

No entanto, as meninas que apresentaram habilidades físicas e motoras subverteram a regra ao romperam com concepções estereotipadas de gênero de que "meninas são menos habilidosas". Essa subversão, para elas, permitiu que exercessem poder nas práticas corporais, tal como considera Foucault (1999), o saber é indissociável das relações de poder. Nesse caso, o "saber fazer" foi um elemento para elas exercerem poder nas negociações e nas práticas junto com os meninos.

O poder o qual me refiro é baseado em Foucault (1996), que o define como não sendo algo que se possui, mas sim que é exercido nas relações sociais a depender do contexto e das redes de interação. "Se deve compreender o poder, primeiro como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização" (FOUCAULT, 1996, p.88).

Além disso, para o autor, as relações de poder só são possíveis mediante saberes, os quais reiteram o poder estabelecido. Nas palavras de Foucault (1996, p.81) "Não é possível que o poder se exerça sem o saber, não é possível que o saber engendre poder". Assim, entendemos que o saber nas aulas de educação física se constitui pelas habilidades corporais nos diferentes conteúdos – ginásticas, danças, jogos, os diferentes esportes coletivos, lutas – e, no caso do contexto pesquisado, aqueles e aquelas que as possuíam tinham condições de exercer e/ou disputar poder durante as práticas.

Dessa maneira "aqueles que escapam" nos fazem refletir sobre a centralidade que o fator habilidade corporal (física e motora) teve nas aulas de educação física nos dois contextos pesquisados.

Se as meninas mais habilidosas conseguiam transitar entre as práticas, sendo o inverso observado em relação aos meninos, que em alguns casos relatavam jogar fora do espaço escolar, podemos questionar o lugar que o gênero e a habilidade ocupavam na produção dos processos de inclusão, exclusão e autoexclusão nas práticas corporais.

ISSN 2175-5930

Se esses meninos que subvertiam a regra de gênero declararam que jogavam futebol em outros espaços, mas não nas aulas de educação física, tal fato denuncia a categoria habilidade –e não só o gênero ou mais que o gênero – como fator de exclusão, inclusão e autoexclusão nas aulas de educação física. Bem como considera Altmann (1998), gênero não é o único fator de exclusão na educação física, ele combina-se como outros critérios como habilidade, força e idade na produção de processos de exclusão na escola.

A centralidade da habilidade corporal nas aulas das duas escolas, e talvez na educação física escolar como um todo, nos leva a duas problematizações: como e onde essas habilidades podem ser adquiridas? Por que a aula de educação física não é vista pelos discentes como um espaço para aprender?

Se para essas meninas (Roberta, Talita, Juliana) as habilidades corporais foram importantes como fator de inserção, autoavaliação positiva e possibilidade de disputa de poder nas aulas, elas foram adquiridas em lugares além das aulas, como ruas e espaços de lazer. Porém, muitas vezes, a possibilidade de praticar um esporte, atividades físicas ou qualquer outra prática corporal fora da escola é em muitos casos marcada por gênero, tanto quanto ao oferecimento dessas práticas, quanto à legitimação de alguns espaços, como ruas e quadras públicas, como sendo de uso predominante dos meninos, jovens garotos e homens. (MOURÃO, 2003; FERNÁNDEZ, 2008; ALTMANN et al., 2011). Portanto, embora a habilidade corporal pareça, de acordo com o exposto, central para a exclusão e autoexclusão nas aulas de educação física escolar, a aquisição dessas habilidades são primeiramente marcada por gênero.

Outro ponto é o sentido que as aulas tinham para os discentes. Os meninos ao se excluírem do futebol não viam na aula um espaço de aprendizagem, mas de demonstração de habilidades adquiridas, competição e seleção dos mais hábeis.

Isso não significa que essas características eram reforçadas pelos professores em suas aulas – o que de fato não foram – mas sim que a educação física, muitas vezes, ainda não é vista pelos discentes como um espaço para a aprendizagem, mas como um lugar de demonstração de habilidades adquiridas, a priori, fora dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo “aqueles que escapam” ou que seguiram outro percurso na viagem do tornar-se masculino ou feminino foram destacados por aqueles meninos que não queriam

ISSN 2175-5930

jogar futebol nas aulas e pelas meninas que apresentavam habilidades corporais nas atividades da educação física.

No contexto estudado, assumir que gostava de futebol e mostrar-se habilidoso era inerente a ser menino e heterossexual. Porém o inverso – a conotação de gênero, futebol e sexualidade entre as meninas – não foi observado, já que nenhuma das meninas que mostrava-se habilidosa no futebol teve sua sexualidade questionada, ao contrário disso, elas tinham condições de partilhar e disputar espaço juntamente com os meninos, não só nos jogos de futebol, mas também em outros momentos de aula. Por essa razão, os meninos que subverteram a norma, ao contrário das meninas, perderam legitimidade nas práticas corporais esportivas (no caso o futebol), bem como exerceram menos poder perante os outros meninos. Não queremos dizer que o futebol foi a causa da exclusão e/ou autoexclusão desses meninos nas aulas, mas foi um revelador de como gênero e habilidades se combinam nesses processos. Estes dados vão de encontro as considerações de Faria (2009), Dunning e Maguire (1997) e Dunning (1992) que concluem que em nossa cultura ser ruim de bola (FARIA, 2009), ou nos esportes de uma maneira mais ampla significa não partilhar de uma masculinidade hegemônica, a qual inclui, entre outros atributos, a heterossexualidade, assim podemos inferir que o que estava em jogo para eles era não só a exposição da própria habilidade para com a prática, mas também a sua sexualidade.

De qualquer maneira, pode-se concluir a partir dessa pesquisa que "aqueles que escapam" evidenciaram a centralidade que o fator "habilidade" teve nas aulas de educação física das duas escolas pesquisadas. O fato de os meninos que subvertiam a ordem de gênero declararem que jogavam futebol em outros espaços, mas não nas aulas, denuncia a categoria habilidade – e não só o gênero – na produção de exclusão, inclusão e autoexclusão das aulas de educação física. Porém devemos considerar que a aquisição dessas habilidades é, primeiramente, marcada pelo gênero no que diz respeito tanto às oportunidades, quanto à legitimidade que meninos e meninas têm ao acesso e exercício das diferentes práticas corporais fora do espaço escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, H**. Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física.** 1998. 111f**.** Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-graduação em Educação, UFMG, Belo Horizonte, 1998.

ALTMANN, H. et al. **Educação Física escolar e igualdade de gênero: um estudo transcultural.** Campinas: Relatório de Pesquisa Brasil-espanha, 2011. 179 p.

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; FRANCO, S. C. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"? **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 02, p.491-501, maio/ago. 2011.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. 236 p.

DAMO, A. S. **Do dom a profissão:** uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e suas transformações. In: ELIAS, N; DUNNING, E. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992. Cap. 10, p. 389-412.

DUNNING, E.; MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no Esporte. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 5, n. 2, 1997.

FARIA, E. L. Jogo de corpo, corpo do jogo: futebol e masculinidades. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n.18, p. 65-86, 2009.

_____. **A aprendizagem da e na prática social:** um estudo sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte. 2008. 229 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FERNÁNDEZ, E. G. **Estudio de los estereotipos de género vinculados con la actividad física y el deporte em los centros docentes de Educación Primaria y Secundaria: Evolución y vigencia. Diseño de um programa integral de acción educativa.** Memoria de Investigación presentada al Instituto de la Mujer – Ministerio de Asuntos Sociales. Madrid, 2008.

FOUCAULT, M (autor). **Microfisica do poder**. 12. ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1996. xxiii, 295p.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999. xiv, 382p.

GARRET, R. Negotiating a physical identity: girls, boys and Physical Education. **Sport, Education and Society,** v. 9, n. 2, p 223-237, jul. 2004

ISSN 2175-5930

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 96p.

MOURÃO, L. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas. In: SIMÕES, Antonio C. **Mulher e esporte: mitos e verdades**. São Paulo: Manole, 2003

WHITSON, D. The embodiement of Gender: Discipline, Domination, and Empowerment. In: BIRRELL, S.; COLE, C .L. (Ed.). **Women, sport and culture.** Champaign: Human Kinetics, 1994. p. 353-372

ABOUT "THOSE WHO DIVERGE"...OR EVIDENCES OF BODY SKILLS AS INCLUSION/ EXCLUSION FACTOR IN THE SCHOLAR PHYSICAL EDUCATION CLASSES

ABSTRACT

This work shows thoughts about emplacement that body skills has in the boys and girls engagement at scholar physical education. The data are part of Master's degree research and were collected by ethnography-like research methodology and interviews at two state schools from São Paulo state during five months at 2010. This study "those who diverge" were represented by boys that did not play soccer and by girls that showed body skills in the physical education activities. For the boys what was in stake was not only the exhibition of the soccer skills, but their sexuality to. Though to girls their body skills permitted them to be involved in practices considered to be masculine.

KEYWORDS: Gender relationships; Scholar physical education; Empowerment;

ACERCA "DE LOS QUE ESCAPE DE LA REGLA"... O PRUEBAS DE CAPACIDAD MOTORA COMO FACTOR DE INCLUSIÓN / EXCLUSIÓN EN CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR.

RESUMEN

Este trabajo reflexiona sobre el lugar en el que las habilidades motoras están en el proceso de los niños y las niñas en la educación física escolar de participación. Los datos forman parte de la investigación de maestría y se obtuvieron a través de la observación y entrevistas etnográficas con los estudiantes en dos escuelas públicas del estado de São Paulo dentro de los cinco meses de 2010. En este estudio "de los que escape de la regla" se destacaron por chicos que no juegan al fútbol en la clase y las niñas que tenían capacidades físicas en las actividades de educación física. Para ellos lo que estaba en juego no era sólo la exposición de la propia capacidade motora, sino también su sexualidad. En cuanto a ellos, la capacidad del cuerpo permitido supone tránsito entre las prácticas consideradas masculinas.

PALABRAS CLAVES: Relaciones de género; Educacion física escolar; Empoderamiento;